



MUDANÇAS DE COMANDO

Não é de hoje que ouvimos dizer que o Brasil está construindo uma grande economia, e que está fadada a se transformar na sétima maior do mundo. Por outro lado, entretanto, tal anseio de desenvolvimento tem como empecilhos diversos problemas a serem transpostos, a começar pelo excesso de burocracia; pelo custo da corrupção que grassa pelo país, prejudicando os negócios; pela péssima qualidade da educação; pela deficiência da infraestrutura; pelas leis ultrapassadas que atravancam a chegada a um futuro mais seguro e ambicioso e, por fim, a nossa velha conhecida gestão pública gastadora que retarda quaisquer estímulos de sucessos para o país.

Tais aspectos, logo de início, não significam que somos partidários de apregoar pessimismos. Longe disso: costumamos, sempre, nos apoiar em realidades palpáveis e não em expectativas sem consistência. O mundo que estamos vivendo, a despeito de todo o aparato tecnológico, atravessa momentos de seria inquietação.

Cabe a cada um de nós ajustar o passo em sintonia com o que acontece ao nosso redor, pois só assim poderemos compreender o mundo em que vivemos e ajudar a quem precisa entendê-lo, com a in-

tenção de melhorá-lo sempre. Tal raciocínio nos conduz a Tom Payne que há mais de duzentos anos dizia – e essas são palavras que cada um de nós deveria gravar na sua consciência: “está em nossas mãos recomeçar o mundo outra vez.”

O sentido humano de tais palavras nos associa à instituição do seguro que tem como suporte basilar a boa-fé e a solidariedade, haja vista os bons serviços prestados à pessoa humana e à coletividade, face às incertezas quanto ao futuro.

A organização corporativa do seguro vive em permanente atualização. É um corpo vivo em constante mutação de células, ajustando-se e aperfeiçoando-se como instrumento de trabalho a serviço dos grandes temas que impulsionam a atividade, comprovando, assim, a sua capacidade e eficiência do próprio seguro.

O mercado segurador nacional, por exemplo, nesses últimos anos tem vivido acontecimentos de suma importância em sua história: a abertura do mercado de resseguros e a entrada em vigor do novo modelo de representação institucional do setor. Agora, no momento, segundo nos ocorre, estão acontecendo substituições de pessoas na CNSeg, na SUSEP, no IRB-

Brasil Re, na FENACOR e nos Sindicatos regionais das empresas seguradoras, além do SINCOR-SP, cujas alterações geram expectativas em todo o mercado.

Nos Sindicatos das seguradoras houve renovação no do Rio Grande do Sul com a aposentadoria do Sr. Miguel Junqueira Pereira, e nos demais a manutenção dos presidentes, com pequenas alterações nos cargos de diretores.

Fechado o quadro, o que esperamos é que o setor de seguros mantenha o seu índice de crescimento e que as entidades mantenham em alta o diálogo até então construído pelas lideranças que deixaram seus respectivos postos.

Para conhecimento de nossas associadas, mencionamos, a seguir, as substituições de comando nos respectivos órgãos: CNSeg – Jorge Hilário Gouvêa Vieira, novo presidente, em substituição ao Dr. João Elísio Ferraz de Campos; SUSEP – Paulo dos Santos, novo superintendente, em substituição ao Sr. Armando Virgílio dos Santos Júnior; IRB – Leonardo André Paixão, novo presidente, em substituição ao Sr. Eduardo Nakao; SINCOR-SP – Mário Sérgio de Almeida Santos, novo presidente, em substituição ao Sr. Leôncio de Arruda; SINDISERGS – Júlio César Rosa, novo presidente,

em substituição ao Sr. Miguel Junqueira Pereira; FENACOR – Amando Vergílio dos Santos Júnior, novo presidente, em substituição ao Sr. Robert Bittar.

No decorrer da posse do superintendente da SUSEP e do presidente do IRB, em cerimônia conjunta realizada no Rio de Janeiro, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Nelson Machado, aproveitou a ocasião para tratar do perfil que o governo espera do órgão regulador e da empresa de resseguros. Na SUSEP, o governo deseja um órgão regulador cada vez mais forte, justo e capaz de executar afetivamente a fiscalização do setor, para garantir seu desenvolvimento de forma funcional, estável e sustentável. Lembrando que o governo considera a atividade seguradora um setor muito importante. No caso do IRB, a principal tarefa é buscar o fortalecimento enquanto resseguro nacional, tendo em vista que uma empresa local forte também é fundamental para a expansão do mercado segurador.

Na oportunidade, desejamos a todos os melhores votos de sucesso em suas novas funções, colocando os préstimos deste Sindicato à disposição para colaborar no desenvolvimento e na divulgação do seguro nacional.



:: DESASTRES NATURAIS

Principais afetadas pelas perdas econômicas decorrentes de fenômenos naturais, companhias de seguro têm sentido no bolso o aumento do impacto desses desastres. Dados do setor indicam que, entre 1992 e 2008, o impacto econômico de catástrofes naturais se multiplicou por dez. De acordo com a gigante Munich Re, o número de grandes eventos com impacto superior a US\$ 1 bilhão triplicou desde 1950. Para os próximos dez anos, a previsão é de que os prejuízos possam dobrar mais uma vez.

O recorde de perdas em um ano foi registrado em 2008, quando os desastres custaram ao mundo US\$ 200 bilhões. Mas os três primeiros meses de 2010 já são os mais prejudiciais da história à economia da América Latina. Segundo a seguradora Willis Re, as empresas latinas do setor perderam US\$ 16 bilhões nos últimos três meses com desastres como os terremotos no Haiti e Chile e as chuvas que castigaram o Brasil. Além desses eventos, a Willis Re prevê que a temporada de furacões no Caribe será "mais intensa que o normal" em 2010. Na Swiss Re, a previsão é de que os custos

de desastres naturais chegarão a US\$ 110 bilhões este ano, ante US\$ 22 bilhões em 2009, um ano relativamente tranquilo. "Já estamos vendo eventos significativos em 2010", afirma Thomas Hess, economista chefe da Swiss Re. "A indústria está alertada para se preparar para sofrer perdas."

Além dos terremotos e da erupção do vulcão Eyjafjallajökull, na Islândia, a tempestade Xynthia, que atingiu a França em fevereiro, matando 47 pessoas, já começou a pesar nos bolsos de companhias e governos. Seu custo já chegou a 2 bilhões, segundo a empresa Risk Management Solutions. Para compensar suas perdas, as companhias passaram a vender novos produtos: seguro contra a falta de ventos para empresas de energia eólica ou mesmo contra a falta de sol para quem investe em painéis de energia solar.

Há poucas semanas, as seguradoras europeias se reuniram para começar a discutir a viabilidade de oferecer uma nova apólice às companhias aéreas: agora, contra cinzas de vulcão. (Fonte: Estado de São Paulo / Autor: Jamil Chade 30/04/2010)



:: RISCOS DE ENGENHARIA

A carteira de seguros de riscos de engenharia deve apresentar expansão entre 15% e 20% nos próximos três anos, conforme expectativa de Luis Meneses, gerente de engenharia para a América Latina da Swiss Re. De acordo com o especialista, esta será uma das carteiras que estará em evidência por conta dos grandes investimentos previstos para acontecer no País. "As Olimpíadas e a Copa são as principais razões para o futuro promissor deste ramo, mas ainda temos PAC e os demais investimentos em infraestrutura que acontecerão no Brasil", justifica. Toda a América Latina é considerada, na visão do especialista, um mercado importante para os seguros de riscos de engenharia.

Meneses destaca que os produtos desta carteira compreendem uma parte importante do financiamento de grandes projetos.

Como se trata de um seguro muito técnico, ele conta que a Swiss Re possui engenheiros especializados em determinadas áreas, como refinaria, por exemplo, espalhados por todo o mundo e que são deslocados para determinados locais, quando há necessidade. É o que está acontecendo no País.

Muitas companhias do mercado estão mandando talentos para o exterior e trazendo alguns nomes de volta por conta das possibilidades reservadas para o Brasil. Conforme dados da Swiss Re, o País conta com

125 projetos de infraestrutura avaliados até R\$ 200 milhões. Desta cifra até R\$ 500 milhões, há 20 obras, sendo que superior a este valor o número de projetos chega a 40. No total, serão 185 obras, cuja cifra estimada em riscos pode ultrapassar a casa dos R\$ 270 milhões. Ele adianta que para dar suporte às megaobras, o mercado brasileiro precisará contar com a capacidade do exterior e a melhor maneira de fazê-la é conhecer bem cada projeto. "Ter informações corretas é o caminho para o mercado brasileiro atrair capacidade internacional", destaca.

Para ele, um dos seguros promissores no cenário brasileiro é o de DSU - Delay in Start-Up. Trata-se de um produto relativamente novo no mercado, mas que é considerado vital na construção de grandes projetos. Em muitos contratos, o DSU é condição indispensável por parte dos financiadores para a realização dos mesmos.

O produto cobre consequências financeiras causadas por atraso na finalização da obra provocado por um sinistro de transportes e eventuais penalidades por conta do descumprimento da entrega do projeto no prazo acordado. Além disso, há cobertura para perdas e danos materiais causados ao objeto transportado, tal como acontece numa apólice de carga tradicional. (Fonte: Revista Apólice / Autor: Aline Bronzati - 29/04/10)



:: GRANDE DESEMPENHO

Mercado de seguros apresenta grande desempenho neste início de 2010. Receita cresce 21,6% em dois meses e ultrapassa R\$ 12 bi.

Depois de crescer 22,7% em janeiro, o mercado de seguros brasileiro destacou-se ainda mais em fevereiro e suas vendas subiram 20,5%. A base comparativa é o idêntico mês de 2009, pelos dados da Superintendência de Seguros Privados (Susep), que não incluem o ramo saúde. No bimestre, a receita de R\$ 12,907 bilhões subiu 21,6% nominais em relação aos dois primeiros meses do exercício anterior.

Os sinistros, que chegaram a R\$ 3,673 bilhões, evoluíram bem abaixo do faturamento: 9,8% no acumulado no dois meses iniciais do ano. O que mais chamou a atenção no período foi o aumento das despesas das seguradoras com o pagamento de comissões de corretagem, que aumentaram 27,3%, chegando a R\$ 1,570 bilhão.

Com receita de R\$ 4,821 bilhões, o VGBL manteve o crescimento em ritmo acelerado, no patamar de 35,4% no bimestre e respondendo em grande parte pelo crescimen-

to da atividade de seguros. Com prêmios de R\$ 2,398 bilhões, o segmento de seguros de pessoas também avançou. A alta foi de 16,3%, acima da média do mercado.

Os seguros de vida subiram 12,6%, enquanto os prêmios captados com as vendas de coberturas de acidentes pessoais foram 22% maiores, atingindo R\$ 431,2 milhões.

Na carteira de automóvel, que faturou R\$ 2,718 bilhões, com a garantia de responsabilidade civil facultativa, a alta também ficou acima da média do mercado, chegando a 15,6% em janeiro e fevereiro. O desempenho do seguro obrigatório de veículos automotores (Dpvat) foi ainda mais expressivo, ao saltar 17,9%, com receita acima de R\$ 1,4 bilhão.

Outro segmento que também surpreendeu foi o de produtos do segmento patrimonial, cujo incremento no bimestre foi de 14,6%, com receita de R\$ 1,206 bilhão. (Fonte: Jornal do Commercio - 27/04/2010)



:: NORMAS GERAIS

A Comissão Especial sobre Normas Gerais de Contratos de Seguro Privado, criada para analisar o Projeto de Lei 3555/04, vai realizar audiência pública com o presidente do Sindicato das Seguradoras do Estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo e também diretor da Seguradora Líder - DPVAT, Luiz Tavares Pereira Filho. O Seguro DPVAT foi criado em 1974 para amparar as vítimas de acidentes com veículos em todo território nacional. Desde então, essa proteção social passou por uma série de transformações voltadas para aprimorar o atendimento à população. Em 2006 o Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP) determinou a adoção de um novo modelo de gestão, constituído pela criação de dois consórcios específicos a serem administrados por uma seguradora especializada.

Segundo o autor do requerimento aprovado nesta tarde, deputado Moreira Mendes (PPS-RO), o objetivo da audiência é discutir o PL 3555/04 com

a Seguradora Líder, já que é uma companhia de capital nacional, constituída por seguradoras que participam de dois consórcios, e que começou a operar em janeiro de 2008.

As seguradoras consorciadas permanecem responsáveis pela garantia das indenizações, e prestam atendimento também a eventuais dúvidas e reclamações da sociedade. Contudo, a Seguradora Líder - DPVAT passou a representá-las nas esferas administrativa e judicial das operações de seguro, o que resulta em mais unidade e responsabilidade na centralização de ações. Ainda não foi definida data para a realização da audiência. (Fonte: Agência Câmara - 29/04/2010)



:: AGENDA

Palestra: Canais de Distribuição - O que tem mudado? - Concorrentes e Oportunidades.

Data: 19/05/2010 - 19:00 horas

Local: Olinda Park Hotel - Toledo - Paraná

Palestrante: Bruno Kelly

Realização: FUNENSEG, SINCOR-PR e SINDSEG-PR/MS

5º FÓRUM PARANAENSE DE SEGUROS - CASCAVEL

Data: 20 e 21/05/2010

Local: Espaço Portal (anexo Churrascaria Portal) - BR-277, km 586 -

Fone: (45)3225-7686

Realização: SINCOR-PR

Patrocínio: HDI, BRADESCO, CENTAURO, LIBERTY, MAPFRE, SUL AMERICA, CHUBB, EXTRAMED

Apoio: SINDSEG-PR/MS, FENACOR, FUNENSEG